

4. O envolvimento

4.1. Encontros

Havia em algum lugar da minha memória uma vinheta de rádio, cuja execução anunciava um programa realizado nas tardes da Rádio Nacional. A voz do locutor carregada de eco convocava o ouvinte para o “Rio de Toda a Gente, com Rubem Confete e Arlênio Lívio”. Talvez aquilo tenha permanecido na minha lembrança, primeiro, porque fora um período em que eu trabalhava no turno da noite – aliás, só quem trabalha nesse horário, e sozinho, sabe o valor de um “radinho de pilha” – e me entretinha com programas de rádios AM, por curiosidade e para fugir do formato das FM. Segundo, porque o nome Confete trazia em si uma alegria, imaginada por mim, que a partir das minhas divagações ajudava a atenuar as morosas horas da noite. A tal vinheta ecoou em meus ouvidos no momento em que estive pela primeira vez diante daquele comunicador.

Foi numa tarde de quinta-feira, outubro de 2011, a figura de cavanhaque branco, pele escura, idade em torno de setenta anos, estava sentado a uma mesa, tendo entre as mãos um copo de aguardente. Estava cercado por outras três pessoas, ao que me apresentei, juntando-me também a elas, participando da roda como ouvinte. Nesse momento notei o quanto estava afetado pela cegueira. Ouvia calado a entrevista que um outro senhor, de idade equivalente à dele, cedia ao jornalista Miro Lopes. Este preparava uma matéria para a primeira edição de uma revista denominada Pequena África, parte do trabalho que o grupo presidido por Confete vem desenvolvendo desde 2009.

Um sedutor aroma de feijão infestava o ambiente e, num dado momento, a reunião foi interrompida com a concordância de todos para que fossem degustados os deliciosos bolinhos de feijoada preparados por Celina. Ela, uma risonha negra de meia idade, corpo e rosto curvilíneos, é quem coordena a utilização do espaço onde ocorrera esse encontro. Eventos, reuniões, atividades variadas, além de assessorar o Confete e, obviamente, administrar a cozinha. Como numa reprodução do que era a Pequena África de tempos distantes, Celina

assume o perfil de uma autêntica “tia baiana” e torna uma festa o ambiente que também domina.

O sobrado localizado no Largo da Prainha é na verdade a sede do Centro Cultural Pequena África (CCPA), cuja direção está alicerçada nestes três nomes: Rubem Confete, Celina Rodrigues e Miro Lopes. Tem uma área interna confortável e uma privilegiada vista através de suas janelas, que se espalham ao longo da fachada, indo de uma extremidade a outra.

De onde agora se vê o Largo e o transtorno causado pelas obras, com as ruas esburacadas, repletas de máquinas e tapumes, num recuo no tempo e esse olhar teria muito mais romantismo. Certamente de lá se teria o testemunho da fuzarca dos entrudos, manifestações oriundas dos portugueses na folia do carnaval. De desfiles dos primeiros ranchos como o Dois de ouro, criado pelo lendário Hilário Jovino. De rodas de batuque com as tias baianas, sua cantoria, sua coreografia e a preservação de sua cultura, no pleno exercício de rituais imanescentes a sua tradição. Da presença marcante dos primeiros bambas, como João da Bahiana, Donga, Heitor dos Prazeres, Pixinguinha e o próprio Hilário, além de outros tantos valores que por ali estiveram antes de se fixar em outro endereço.

À direita, a secular capela de São Francisco da Prainha, uma das primeiras edificações da região e da cidade, onde as águas da baía se encerravam, antes do aterramento da região. Num dos lados do prédio, a Rua Sacadura Cabral, no outro lado, paralelamente a esta, a Rua São Francisco da Prainha, que desemboca na Argemiro Bulcão, que por sua vez culmina no Largo João da Baiana, sopé da Pedra do Sal.

Depois da primeira visita ao velho sobrado foi quase sempre uma obrigação frequentá-lo, embora, por mais agradável que fosse, noutras oportunidades, necessidades outras se sobrepujam a esta e acabei perdendo alguns encontros interessantes. Algumas vezes os convidados nem possuíam tanta afinidade com o que eu buscava, mas a simples presença naquele ambiente agia em mim como um acionador de novas idéias. No entanto, exatamente na primeira visita, em que conheci pessoalmente o Rubem Confete, a quem que eu apenas imaginava pelas chamadas radiofônicas, e um senhor era entrevistado à mesa pelo jornalista Miro Lopes, obtive ali duas gratas conquistas. Inicialmente pelo Confete

e depois por aquele homem que estava sendo entrevistado. Ele era Davi Araújo, o Davi do Pandeiro.

Ouvi atento suas declarações e me surpreendeu a fluidez da sua fala. Narrando a história da sua vida, sua infância, quando o pai tocava com Hilário Jovino, embora ele mesmo não o tenha testemunhado. As informações foram passadas pelo irmão mais velho que o incentivara, quando menino, a praticar malabarismos com o pandeiro. Esse tipo de exercício foi determinante na sua vida, facultando-lhe neste quesito uma habilidade sem parâmetros e uma respeitabilidade sustentada firmemente, até hoje, no mundo do samba.

Atualmente esse senhor pode ser visto no trajado elegante da Velha Guarda da Portela, que liderada por Monarco segue uma agenda de exibições pelo Brasil afora e também pelo exterior. Chapéu branco com uma fita azul no entorno, terno de linho branco, destituído de qualquer vaidade, parece cumprir uma função de coadjuvante no grupo. Na verdade, a Velha Guarda da Portela é a única que se destaca dentre as velhas guardas das escolas de samba. Inclusive das outras igualmente tradicionais, como Mangueira, Salgueiro e Império, por conta de algumas ações e apoio de artistas que lhe têm rendido exposição e reconhecimento, inegavelmente justos.

No fim desse encontro ficamos conversando em particular e logo descobrimos afinidades, as quais pudemos consolidar em outras oportunidades. Saímos juntos do CCPA e, acabei levando-o até a casa dele, no bairro de Ramos, onde ainda estendemos o diálogo por bastante tempo, no interior do meu carro. Acabara de conhecer naquele dia uma grande figura humana de tamanha sensibilidade e delicadeza, traduzidas não só pelo comportamento, mas também pelos surpreendentes sambas que ele me apresentou.

Portador de uma versatilidade musical invejável, “Seu Davi”, como passei a tratá-lo, enquanto conta histórias atravessa essas mesmas histórias com sambas de sua autoria. Mas em nenhum momento seu interlocutor se sentirá invadido por uma pretensa imposição de vaidade. Vaidade parece ser um vocábulo inexistente no glossário de Davi do Pandeiro, que como artista escreve sua obra conforme sua índole: simples, delicada e surpreendente. E numa demonstração clara de simplicidade e humildade, em determinado momento ele me propôs que fôssemos um dia à Pedra do Sal, assistir a uma roda de samba, pois ele nunca havia estado

lá, nem sabia onde ficava a tal Pedra. Estávamos a menos de cem metros do local e ao passarmos na esquina da Sacadura Cabral com a Argemiro Bulcão, onde estava o meu carro, apontei o lugar, ao que ele, surpreso revelou: “É ali? Caramba, eu não sabia!”

O Centro Cultural Pequena África atua desde 2007 neste endereço e seu principal pleito é o de fazer com que seja reconhecida a importância daquela região do centro do Rio, forjada na presença maciça da população negra africana. Durante os dias da semana são inúmeras reuniões entre os seus organizadores e visitantes, que ora vêm convidados a colaborar com informações, entrevistas ou outro tipo qualquer de auxílio, ora vêm em busca dessa mesma ajuda.

Dentre algumas das pretensões desse grupo, a construção de um “museu do negro” ganha forte apelo, sobretudo diante das descobertas de artigos próprios da cultura africana, já nas primeiras escavações. Segundo Celina Rodrigues, logo na primeira investida das máquinas escavadeiras sobre o Cais do Valongo, foi encontrada uma bacia com diversos objetos característicos daquela cultura, como braceletes, colares, alguns tipos de pedras e búzios.

O fato é que o sobrado do Largo da Prainha está sempre povoado de gente envolvida de algum modo com a história do lugar. E as conversas fluem entre os presentes, em tom de uma quase informalidade, o que sob a minha ótica lhes confere um grau de produtividade realmente plausível, por se tornar para todos, dessa forma, um encontro bem mais interessante. São várias histórias narradas por personagens que viveram ou acompanharam de perto acontecimentos ligados ao universo da música, em particular do samba. Histórias contadas por aqueles que jamais foram mencionados em fontes literárias ou jornalísticas, mas que assim como esse recanto da cidade, apesar de desconhecidos, também fizeram história.

Para uma compreensão melhor do que está sendo pretendido, e porque entendo ser coerente com o discurso em pauta, nada melhor do que apresentar algumas das pessoas com quem me relacionei durante a pesquisa, as quais eu atribuí uma denominação que nem a elas revelei. Nos meus escritos eu me referia aos ‘musgos da Pedra’, numa alusão àqueles que são figuras constantes naquele cenário. E neste trabalho, muito mais que me sentir na obrigação, sinto orgulho em apresentá-los, pois, em muito contribuíram e porque são, sem dúvida, a expressão e a identidade do lugar.

Quando fui pela primeira vez ao Centro Cultural Pequena África fui recebido por uma mulher extremamente simpática que me encantou, como tem encantado a todo aquele a quem ela receba. Numa bela definição de sua etnia, aquela mulher me revelou entre sorrisos um pouco da sua história e da sua relação com a Pequena África. Nascida no bairro São Francisco, em Niterói, hoje é residente em São Gonçalo, mas a Ponte Rio - Niterói é como um corredor dentro da sua própria casa, de tanto que por ela transita nessa conexão entre o que considera dois lares.

Capricorniana de vinte e dois de dezembro de 1963, Celina Rodrigues não esconde sua visão mística sobre a vida e expõe sua espiritualidade sem o menor receio. “Feita em terreiro”, como ela confirmou, a radialista e produtora cultural foi companheira de Rádio Nacional do atual companheiro de estrada, Rubem Confete. No entanto, a amizade entre os dois não é desse período, mas de um encontro posterior, num evento em que ambos participavam e mantiveram o primeiro contato pessoal. Daí em diante já são anos de parceria e cumplicidade, como na direção do CCPA.

Ela me revelou que quando foi convidada por Confete para atuar no projeto do centro cultural aceitou na hora, tamanha a identificação com a proposta ideológica do grupo. E considera que apesar das dificuldades houve avanços significativos, dentro das probabilidades oferecidas. A sustentabilidade do centro provém do consumo de comidas e bebidas nos dias comuns e quando ocorrem eventos. Não há nenhuma ajuda externa, de nenhum órgão público nem de nenhuma entidade de qualquer natureza. Segundo Celina, ainda houve momentos, no início, principalmente, em que seus membros foram muito combatidos, sob alegação de que estavam sendo aproveitadores. Ao indagá-la sobre quem os estaria criticando, ela me respondeu que muita gente não entende que a proposta deles é tornar aquela região um local onde se possa ter como referência a cultura que ali foi pioneira. Foi ali que desembarcaram milhares e milhares de negros africanos, que de alguma forma tentaram reproduzir um modo de vida semelhante ao que tinham na sua terra mãe. Os rituais, as oferendas, todas as tradições que eles trouxeram tiveram o seu primeiro contato com essa parte da cidade. Por isso, segundo o pensamento do grupo, o mínimo que se deva fazer para rever um pouco dos absurdos praticados contra os ancestrais negros é reconhecer a Pequena África

como um território de referência da cultura negra. E isso gerou certa inquietação por parte de pessoas que na verdade não entenderam a iniciativa e, certamente imaginaram que se tratava muito mais de um gesto político. Embora reconhecendo que se estivessem fazendo política já teriam conseguido mais resultados, admite também que isso os destituiria de credibilidade, por isso “vamos lutando com dificuldade, mas com dignidade”, afirma ela, taxativa.

Falar em cultura negra na zona portuária é falar em samba na Pedra do Sal. E comentando as rodas de samba que lá acontecem, com a mesma sinceridade de outros momentos, ela não hesita ao anunciar sua reprovação. Diante da minha surpresa ela revelou que não reprova as rodas de samba, mas onde elas se realizam: “Aquele pedra não é lugar pra isso.” E explica, sob sua ótica, que “cada um vê do seu jeito”, mas que respeita muito aquela pedra porque ela tem muita energia. E porque ela é sagrada, é para ser consagrada, reverenciada, e não ser usada para fins econômicos. Todos os anos a Pedra do Sal é lavada, ritualizada e, no entanto, as pessoas que frequentam as rodas de samba, pisam, urinam, usam aquele espaço, que para eles é só uma pedra – pois não têm a menor identificação com a cultura que não reconhecem como parte da sua –, sem o respeito devido, conforme a crença de Celina preceitua. Não entendem aquele espaço como um local sagrado e agem sobre ele sem esse conhecimento, o que para Celina é extremamente perigoso. “Não se pisa num terreiro de qualquer jeito, tem que pedir licença. Eles não sabem com o que estão lidando.”

Outra leitura, no mínimo curiosa que a diretora do CCPA faz da Pedra é a de que, além da importância religiosa que ela traz em si, não há por que entendê-la como ponto turístico, pois se pergunta onde estaria sua beleza arquitetônica. E encerra seu pensamento, taxativa como sempre: “Que visual ela tem pra ser ponto turístico? Ela é só uma pedra, mas aproveitam esse valor religioso e fazem disso objeto de exploração econômica.”

Sem a menor cerimônia para falar sobre algo de que se sente convicta, Celina Rodrigues tem a Pedra do Sal apenas como um espaço sagrado. Ela é, portanto, uma daquelas pessoas que estão preocupadas com uma tendência à dessacralização da região imposta de modo sorrateiro, pelo processo indutivo, aparentemente inevitável, a uma suposta modernização. Sob outro prisma e de origem totalmente distinta desta, outro ator envolvido nessa dinâmica da vida da

região é o “gringo” Tomas Martin. Mais que uma grata fonte de informação e aprendizado, tornou-se ao longo de nossos encontros uma ótima companhia também para uma mesa de bar.

Tomas Martin se posiciona como um “homem do presente”, na sua própria definição. Dessa forma, se apresenta como professor universitário, antropólogo e pesquisador, ‘sambeiro’, já que não se sente à vontade para se autodenominar sambista, marido e pai de dois filhos, sendo o mais novo deles fruto da união com Alessandra, esposa brasileira e também antropóloga. Sueco de origem, Martin está radicado e totalmente adaptado ao Brasil, onde vive há catorze anos, dos quais, oito residindo no Morro da Conceição.

Sua relação com o Morro e o Bairro da Saúde começou quando conheceu a atual esposa e da necessidade de estarem partilhando a vida a dois. Isto os fez buscar uma residência que atendesse, também, as necessidades das suas profissões. Ele residia em Copacabana, ela em Vicente de Carvalho, logo uma amiga sugeriu um local no centro do Rio que poderia ser interessante para o casal de antropólogos. Após um passeio pelo Morro, que se tornara ao mesmo tempo uma pesquisa imobiliária, num domingo de manhã, não tiveram a menor dúvida: “Aqui é o lugar”, afirmou a voz temperada de sotaque estrangeiro. E lá estão instalados, até hoje, numa edificação que segundo ele data do final do século XIX.

Ao comentar a Pedra do Sal ele é categórico: “Quando vim morar aqui não havia nada lá.” O fato é que após tornar-se monumento histórico a Pedra passou a receber alguns eventos, principalmente rodas de samba, o que não ocorria até então. Segundo Martin, as rodas de samba que lá acontecem são uma resposta justa para o reconhecimento daquele lugar como um criadouro da cultura africana nos primeiros tempos em solo brasileiro, e daí sua óbvia influência na formação de uma outra cultura, a brasileira

O que lhe parece intrigar é o fato dessa exposição da Pedra não passar pelo interesse dos moradores locais. Para os moradores ela será sempre somente uma pedra, um caminho de degraus, um escorrega para as crianças, por mais que a tenham tornado um mito, um ponto de visitação, um cenário cultural e religioso para os visitantes. Martin revela que frequentou algumas vezes o samba da Pedra, mas deixa entender que não é algo agradável para a maioria dos moradores, pois desestabiliza a sua ordem rotineira, trazendo uma gama inestimável de pessoas de

fora, que simplesmente estão alheias ao ritmo de vida local e à história de seus moradores.

Martin, no entanto considera interessante algumas formas de apropriação da Pedra por determinados grupos ou pessoas. Como exemplo ele cita o reconhecimento do lugar como área quilombola. Embora seja para muitos uma incoerência imaginar um quilombo coexistindo com um mercado de escravos, segundo ele não se pode negar a presença fundamental do negro naquele espaço, onde eram feitos rituais da sua crença religiosa e em decorrência disso os reconhecidos batuques. Por isso ele vê de forma muito positiva a afirmação de uma consciência quilombola ali, embora também entenda a sua incompatibilidade. “A questão é que isso leva a se pensar num local não necessariamente habitado, um espaço público, que se defina como Quilombo, por manter laços de memória afetiva, respeito à cultura e resistência pela preservação desta.”

Quando indagado sobre as diferenças possíveis entre o morador do Morro da Conceição e a população que fomenta a vida na parte de baixo dele, fica muito claro pela sua análise, talvez dividida entre a de morador e a de antropólogo, que se tratam realmente de mundos distintos. Sobretudo na medida em que no Morro não há a menor aproximação da sua população com o samba. Pelo menos o samba que se pratica na Pedra do Sal, por ser essa atividade ainda relativamente muito recente e por não ter sido criada a partir da iniciativa dos moradores do Morro. No entanto, particularmente, ele considera válido o exercício do samba ali porque mantém viva a memória da cultura africana, lembrando-nos da sua importância para a cultura brasileira.

Sempre muito disposto a falar, mas também muito criterioso com determinados assuntos, em nossas várias conversas, essa agradável personalidade daquele universo procurou o tempo todo se assumir como “gringo”, para que não seja interpretado de modo equivocado ao se posicionar diante de alguns fatos. Assim ele angariou respeito de seus vizinhos e transita com segurança sobre temas ligados à vida comum do lugar.

Como por exemplo, quando fala sobre grupos e pessoas que exercem atividades ligadas a movimentos culturais ou manifestações outras e que eventualmente se exibem como defensores da região ou de determinado ponto dentro daquele contexto histórico-geográfico. Ele afirma entender como

interessante todo movimento que remeta os envolvidos a uma “movimentação”, ou seja, que mais do que fixar idéias e posturas, promova reflexões realmente pertinentes ao interesse da comunidade. Depois sim, os desdobramentos desse resultado serem estendidos ao exterior, em ofertas de serviços, acolhimento, receptividade. De qualquer forma considera respeitável toda iniciativa.

Diante da possibilidade de grandes transformações de toda a zona portuária, decorrente das obras de revitalização adotadas pela Prefeitura do Rio, como morador comum, Martin discute a palavra revitalização e pergunta “que vida está sendo resgatada?”. Na verdade o que ele, como boa parte da população local compreende é a instauração de uma nova lógica de vida que simplesmente não condiz com estilo de vida familiar e residencial existente. Ainda assim, Martin entende que o receio de transformar-se essa região numa nova Lapa não é infundado, mas acredita que isso pode levar ainda algum tempo. “Prefiro ver o futuro de modo positivo para não sofrer por antecedência.”

No dia dois de dezembro de 2011, como parte das comemorações do dia internacional do samba, fui informado por um amigo de que seria realizada a lavagem da Pedra do Sal, com transmissão direta para um jornal matinal de uma importante emissora de televisão. Lá, na verdade, se inicia uma espécie de concentração, quando, mais tarde, ocorre o deslocamento para a Central do Brasil, de onde parte o “trem do samba”. Levantei cedo nesse dia e fui conferir pessoalmente o evento. Lá chegando reconheci algumas pessoas que estavam diretamente envolvidas no contexto, e outras que, até com grata surpresa, reencontrei depois de muito tempo sem contato, como o cantor e amigo Carlos Dafé.

No Largo João da Bahiana havia sido posta uma mesa de café da manhã com iguarias da culinária baiana, com bolo de fubá, cuscuz de milho, aipim, batata doce, além do tradicional cafezinho. Após a gravação, que pelo cenário e a hora, começou a atrair alguns curiosos, formou-se um amplo bate-papo entre os presentes, e até tive o prazer de conversar alguns instantes com o Professor Hiram Araújo, que solícito e generoso, me ouviu e me ofereceu auxílio, para a produção deste trabalho. Naquele momento, no entanto, a mesa apetecia a quebra do jejum e todos puderam se deliciar com os alimentos, inclusive eu, um mero espectador.

Algumas coisas me chamaram a atenção naquela manhã nublada de dois de dezembro: em primeiro lugar, a importância dada pela maior emissora de tevê deste país a algo, até bem pouco tempo, sem a menor relevância para essas fontes de comunicação, rejeitado até mesmo por muitas emissoras de rádios FM. Que outros interesses, se não os que obedecem à lógica do mercado midiático, podem estar em pauta? Portanto, a cobertura dos festejos desde as primeiras horas da manhã, seguindo-se ao longo do dia, foi realmente surpreendente. Em segundo lugar, a própria escolha do lugar para início das atividades comemorativas. O reconhecimento da Pedra do Sal como ponto inicial dos primeiros passos do reconhecido samba.

O ritual religioso de lavagem da Pedra foi praticado pelo grupo Filhos de Ghandi, com uma de suas componentes cantando em dialeto africano e sendo repetida pelos demais. Márcia Moura é uma dessas pessoas que configuram marca registrada naquele cenário e eu não poderia deixar de citá-la. Qualquer um que frequenta a Pedra e suas rodas de samba, com certeza já esteve diante dessa negra de indumentária invariavelmente branca, cabelos no estilo *dread* e sempre cercada de amigos.

Bacharel em Direito, preferiu o exercício dos instrumentos de percussão e da voz, tornando-se percussionista e cantora. A infância dividida entre a Tijuca e Bento Ribeiro e sob a forte influência de pessoas ligadas ao samba, sendo afilhada, inclusive, de Xangô da Mangueira, não tornou difícil para ela definir o que pretendia seguir. Frequentou a escola de música instrumental Youngest, em Londres, onde também aprendeu piano. Tocou com Paulo Moura, Alcione, Beth Carvalho, entre outros artistas e até já foi premiada em certa ocasião como melhor partideira do país.

Atuou em grupos como Swing Batom e Seda Pura, de formação apenas feminina, como também no Malandros e Malícias, composto só por homens. Criou com o maestro Benedito Espírito Santo a Music Fabric, escola de música que funcionou por algum tempo na UERJ, mesmo período em que fazia parte do grupo Farofa Carioca. Atualmente está vinculada a projetos na Mangueira com aulas de percussão para crianças e também no Centro Cultural Quilombo, na Fazenda Botafogo, em Acari.

Presença constante na maioria das vezes em que estive na Pedra do Sal, acompanhando, principalmente, o Movimento Samba na Fonte, às quartas-feiras, Márcia Moura passou a fazer parte da população da Saúde a partir do convite feito pelos amigos Lucinha e Damião. Estes criaram a roda de samba Sal do Samba, cuja atração, além da cantora, era a feijoada preparada por Lucinha, acompanhamento mais do que adequado para o evento.

Como filha de ialorixá, Márcia tem sua formação religiosa com base espírita e também defende uma preservação da Pedra como espaço sagrado. Por outro lado entende que não se pode analisar a questão apenas por um viés. E ao falar do que atualmente se está produzindo em matéria de samba naquele local, opina que muito do que antes apreciava se perdeu, como o próprio Samba na Fonte, que segundo ela, saiu de cena quando era uma atração das mais interessantes. “Havia muita qualidade, não sei por que não foi à frente!”.

Num tom de fala em que reproduz um misto de frustração e resignação ela admite que já não é tão aguda a sua presença nos sambas da Pedra porque tem observado uma certa descontextualização entre o que representa o lugar e o modelo de sambas que alguns grupos praticam lá. Chega mesmo a cogitar que qualquer dia vão estar promovendo outros gêneros naquela que se cultivava como o berço do samba: “É só alguém tomar a iniciativa!”.

E, ao encontro dessa impressão externada por ela, pude observar em algumas visitas, não propriamente na Pedra, mas no seu entorno, manifestações outras, como jovens ouvindo funk em alto volume, nos seus carros, enquanto bebiam numa tenda, a poucos metros da roda de samba que acontecia no mesmo momento. Aqueles jovens estavam apreciando qualquer coisa, menos o que de fato se oferece tradicionalmente ali.

Aliás, completamente alheios ao ambiente e o que ele representa, ainda criavam uma perturbação a mais para os moradores, que já se sentem incomodados com a intensa agitação na Pedra nos dias de samba. A confusão de sons, num determinado instante, me irritou a tal ponto de eu me retirar e até me questionar sobre o que era aquilo, e o que eu estava fazendo ali. Mesmo isento de qualquer purismo, entendo ser absolutamente inconcebível os *Três apitos* da fábrica, de Noel, serem abafados, naquela circunstância, pelo som renitente de um batidão.

A crítica de quem se julga parte da ‘ralé’ que frequentava a Pedra, a qual, segundo ela, agora é palco de tudo e foco de muitos oportunistas, se estende numa comparação ao Terreirão do Samba, na Praça Onze. Nas suas palavras esses espaços antes pertencentes ao ‘povão’, agora já recebem até franquias de bares famosos, destituindo de vez o princípio de ambiente popular.

Ao encontro da crítica de Márcia, já em Bakhtin (1996, p. 30) essa perda de espaço do povo nas festas populares fora sentida. Como quando ele comenta o carnaval da França, num período posterior à metade do século XVII. Segundo ele, ocorre “um processo de redução, falsificação e empobrecimento” instaurando-se o que ele denomina uma “estatização da vida festiva.”. Quando inquirida sobre o futuro da Pedra a resposta de Márcia soa com certa decepção: “A Pedra vai acabar se tornando uma Lapa”. Como tantos outros, Márcia parece enxergar sob o mesmo prisma o que parece estar se constituindo uma verdade, de tanta afirmação.

De qualquer modo não se pode negar que a cidade multicultural, em constante mutação, está suscetível a toda sorte de alteração em sua ordem, seja ela social ou física. Esta afetação, inclusive, pode ocorrer em ambas as instâncias. E parece estar caminhando nesse sentido a história, até bem pouco tempo estagnada da região portuária. Hoje a poeira das obras substitui a poeira do esquecimento a que ela parecia condenada. Do breu, eis que um olhar de águia se projetou sobre o lugar e enxergou possibilidades nunca dantes enxergadas. Talvez, não o que o lugar e seus moradores mais necessitavam, mas o que se propuseram a oferecer. Daí por diante é só expectativa, e até que se concretize algo para justificar isso ou aquilo, essa apreensão dos indivíduos envolvidos diretamente no tal processo estará apenas fomentando uma gama de especulações.

Aparentemente, indiferente ao que pode suceder as obras do Porto Maravilha, nome dado ao projeto de revitalização da zona portuária, implementado pela prefeitura do Rio e suas parcerias, Lucinha segue vendendo suas iguarias, ostentando ainda um pequeno suporte histórico sobre o que oferece. Um texto impresso num *banner* ao lado do balcão informa com propriedade a história e o valor do alimento mais procurado na sua barraca: o zungu quilombola. “É o angu, só que em vez de miúdos de boi, leva frutos do mar!”

Lucinha, como é amplamente conhecida entre todos aqueles que residem ou transitam pelos arredores da Pedra, é uma figura ímpar naquele cenário. Moradora há mais de trinta anos e sempre atuante em defesa dos direitos que entende ter o povo negro sobre aquele lugar, Marilucia Luzia tem na sua imagem um retrato cativo na parede virtual da Pedra. É praticamente impossível não notar e posteriormente não estabelecer uma aproximação com aquela mulher negra de expressão alegre e cativante, tanto pelo paladar quanto pelo argumento.

Aos cinquenta e dois anos ela reside numa edificação secular, cujo estado de conservação está seriamente comprometido, sobretudo por se tratar de um bem tombado que não pode sofrer alteração na sua fachada original. Enquanto isso ela abriga ao lado do marido, Damião, a sede da Associação de Remanescentes do Quilombo da Pedra do Sal (ARQUIPEDRA). Damião preside a associação em que, juntamente com outros membros, sustentam o reconhecimento de uma comunidade quilombola na região.

Lucinha informa que não recebem qualquer apoio financeiro e que como um legado histórico do povo negro, a luta é intensa e sempre difícil. Por outro lado ela afirma receber o apoio importante da Fundação Palmares e da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Social. Como parceiro em defesa dos direitos requeridos, o tradicional grupo Afoxé Filhos de Ghandi, que assim como a ARQUIPEDRA também resiste num prédio quase em ruínas na Rua Camerino, na altura do Jardim Suspenso do Valongo.

Presidido por Carlos Machado, aquela entidade também opera na manutenção de cursos de percussão para crianças, ensinando e tentando dessa forma, manter a sua cultura ativa. Buscando, junto aos menores, estimular o conhecimento e a apreciação da cultura do tambor, os toques, os tipos de instrumentos, na medida do possível, a disseminação dessa prática e, concomitantemente, a construção de valores importantes para a educação e integração social desse aprendiz.

A origem de toda esta organização em torno de um reconhecimento e valorização da Pedra do Sal partiu da idealização do projeto Sal do Samba. Lucinha e Damião iniciaram, segundo ela, por volta do ano 2000 este projeto cultural, cujo mote fundamental consistia em algumas ações como a lavagem da Pedra, numa

homenagem às tias baianas, pioneiras e responsáveis diretas na história da região e do samba, conseqüentemente.

Como documenta a história daquelas tias baianas, os eventos eram verdadeiras confraternizações que contavam sempre com batuques e comida. O Sal do Samba não podia ser diferente, e arrebanhava para a Pedra grande número de pessoas interessadas no projeto, atraídas pelo samba e seduzidas pela feijoada. A partir de então, contando com a participação dos Filhos de Ghandi, passaram a ser realizados diversos festejos religiosos, como a própria lavagem, no dia internacional do samba, a festa de São Jorge, com alvorada e rituais e um cortejo todos os segundos sábados de dezembro, denominado Presente das Iabás, que parte com oferendas da Pedra do Sal até o Píer Mauá, onde, por fim, são atiradas ao mar.

Em dias de samba na Pedra, lá está aquela senhora, invariavelmente de branco, cabelos trançados e muita simpatia no trato com o público. Este, em sua maioria jovem, parece querer reconhecer algo que na verdade eles ainda nem conhecem. Foi assim que certa vez me diverti ao vê-la sozinha, completamente cercada de fregueses que solicitavam isso ou aquilo, quando em meio ao caos instaurado um jovem a questionava sobre a idade da casa em que ela vive e quem havia vivido ali no passado. Automaticamente, de tão atarefada, entre servir um cliente e dar troco a outro, respondera: “Ah, mil oitocentos e pouco.” “Um bacana daquela época.”

Com essa mesma graça, mas também com muito amor ao que faz, ela me confirma o seu ideal de ver a Pedra do Sal como um importante espaço cultural no cenário nacional, simbolizando a cultura negra no Brasil através do samba e de suas raízes africanas. Ela não critica o samba que se pratica atualmente na Pedra, mas é mais uma a lamentar a saída das quartas-feiras do Samba na Fonte. “O Samba na Fonte era resistência, era samba de verdade.” E se lamenta a perda do que considera “samba de resistência”, julga que sua comida também é resistência cultural. “O zungu era a comida dos negros. As casas de zungu eram focos de resistência.”

No tabuleiro da Lucinha tem zungu, e além de outras iguarias tanto quanto saborosas, há uma história de vida e uma figura humana que encarna o real espírito do lugar: a força atuante da mulher negra como iniciadora e fomentadora

de atividades e ações em prol do coletivo; a característica matriarcal que além de se fazer presente nas lendárias tias baianas ainda se reflete na denominação do morro que se eleva acima da Pedra, seja ela Conceição, ou mãe Oxum.

4.2. Samba na Fonte

*É samba na fonte
 Não posso faltar
 Vou beber do samba
 Que rola por lá...
 Tem que bater na palma da mão
 Tem que ajudar a cantar o refrão
 É pura magia
 Com alto astral
 É Samba na Fonte
 É Pedra do Sal³³*

Quando fui pela primeira vez à Pedra do Sal fui levado a convite por um companheiro de trabalho, que se autointitulava compositor. Seu nome, como depois pude constatar, era um dos nomes mais queridos dentre os integrantes daquele grupo de compositores. Gustavo SB, como ainda é reconhecido pelas rodas de samba por onde transita, ao chegar naquela quarta-feira, e após me acomodar num canto daquele ambiente repleto, fora aclamado na mesa, sendo recebido com saudações calorosas pelos demais companheiros, e isso foi algo que julguei bastante significativo.

No decurso, chegado o momento da apresentação dele, dominou o espaço com uma envolvente alegria aliada a uma boa expressão corporal, personalizando seu modo contagiante de cantar. A letra do samba falava sobre a história de uma negra escrava que castigada pela vaidade da sinhá, havia alcançado a “Liberdade Eterna” (título do samba), após, finalmente, morrer no tronco. Este samba, na verdade, é fruto da sua leitura do romance psicografado *Tambores de Angola*. Fora grande a comoção quando já nos primeiros acordes do cavaquinho a voz de SB proclamava:

*Livre do cativoiro
 Açoite não mais me sangra
 Ganhei liberdade eterna
 Fui viver em Aruanda*

Na sequência todos repetiam este estribilho e a roda incendiava. Naquele momento o meu companheiro de trabalho havia se transformado num artista

³³ *Samba na Fonte*, Pakato do Cavaco.

extremamente expressivo, causando mesmo um agradável impacto neste mero observador. Além disso, me convencera de que se tratava realmente de um compositor, com bons recursos poéticos, musicais e, principalmente, de ser um intérprete competente, com ótima performance quando de posse do microfone.

Sem sombra de dúvida, de tudo o que pude presenciar como exibição de samba, na Pedra do Sal, o que considero como o mais representativo e original evento dessa natureza foi o Movimento de Compositores Samba na Fonte. Digo foi, porque atualmente e infelizmente aquele espaço não recebe mais os encontros realizados às quartas-feiras por aqueles senhores.

Quarta-feira, independentemente das condições climáticas, eles se deslocavam dos mais variados pontos da cidade, e até de fora dela, para se reunirem naquele recanto de rua, escondido da maioria da população carioca, no bairro da Saúde. Às dezoito horas eles iam chegando e entre cumprimentos e sorrisos, abraços e apertos de mãos, iam se acomodando em vários agrupamentos para logo em seguida, formando um só corpo em torno da mesa, iniciarem o evento.

No local, aquela decantada pedra que serve de acesso à Rua do Jogo da Bola e, conseqüentemente, ao alto do morro. O casario denunciando um Rio que já não existe, agora sufocado pela dinâmica da vida urbana e pela especulação imobiliária. O lugar conhecido como Pedra do Sal trata-se de um templo a céu aberto para todos que cultuam o samba na sua condição mais primária. É assim com o grupo que fomenta a badalada Roda de Samba da Pedra do Sal, às segundas-feiras. É assim com o grupo que recentemente tem promovido sambas às sextas-feiras. Era assim com os mais de vinte compositores, ilustres desconhecidos da mídia, mas tão conceituados naquele local. Ainda hoje ecoam nos arredores da Pedra o sucesso do projeto musical que eles desenvolviam, com sambas autorais e inéditos, denominado Movimento Samba na Fonte (MSF).

Por volta das cinco e meia da tarde já era possível notar a presença dos primeiros compositores, os quais se preocupavam em encabeçar a lista de apresentação, que era por ordem de chegada. O evento só se iniciava às seis, mas às vezes era normal ocorrer algum atraso. Ali se configurava uma troca interessante de informações, onde se teciam parcerias, atualizavam-se agendas

sobre roteiros de eventos, aprendia-se e ensinava-se informalmente, num exercício dinâmico e natural.

Dos que costumavam chegar cedo, Gegê de Itaboraí, ou simplesmente, entre os pares da roda, Seu Gegê, um dos mais velhos do grupo e também um dos mais queridos. De um bairro distante do distrito de Itaboraí chamado Pedra Bonita, do alto de seus setenta e tantos anos, essa figura carismática se deslocava religiosamente todas as quartas para o encontro semanal de compositores. Passo vagaroso, mas firme, de quem jamais perdeu a cadência, compositor da Portela, ele diferenciava suas apresentações na Pedra com as marcas do ritmo afoxé e da espiritualidade, fortemente presentes em suas composições. Ao comentar sua relação com o samba e os lugares onde o praticava, ele me fez uma observação interessante: “Sou compositor da Portela, mas quando vim pra Pedra do Sal foi como se estivesse revivendo uma existência passada. Meu pai espiritual é Xangô, moro em Pedra Bonita e vivo fazendo essa ponte com a Pedra do Sal. Tudo é muito claro pra mim e essa pedra (Pedra do Sal) tem muito axé.”

Portando uma bolsa repleta de papéis com letras e mais letras de sambas, Gegê sempre trazia uma novidade para oferecer parceria a alguém. Seu principal parceiro era – como tem sido até hoje – o compositor e também cavaquinista Pakato do Cavaco. A dupla tem sambas primorosos, sempre carregados de simbologia religiosa, como parece ser uma tônica entre os temas desse tipo de composição. Os orixás mais mencionados nas letras são, como não poderiam deixar de ser, Xangô e Oxum.

Na mesma linha religiosa e também oriundo do outro lado da baía, Nier Ribeiro, de São Gonçalo, compositor da Escola de Samba Porto da Pedra, afirma que todos os seus sambas são presentes que ele recebe. Num deles ele relata uma visão de Xangô, quando, numa madrugada perdera o sono e, ao chegar a sua janela, pode contemplar a imagem iluminada do Orixá.

A denominação desse movimento de compositores, Samba na Fonte, parece uma metáfora perfeita para ilustrar as aspirações desses artistas. Movidos pela história daquele local e pelo prazer do que faziam, esses compositores cantavam seus sambas respeitando o estatuto que reprovava a execução de sambas já gravados. Ali só se cantavam sambas inéditos. Aliás, mais do que respeitar o estatuto, esta era uma determinação inquestionável por todos. O hino, cantado na

abertura e no encerramento do evento, de autoria de Wagner Nascimento e Ferreira, oferecia uma perfeita imagem da filosofia do grupo.

Todos nós somos iguais

*Todos nós somos iguais/Apesar das diferenças
 Todos nós queremos paz/Desavença não compensa
 Todos nós sentimos dor/Quando quebra o elo da corrente
 Juntos somos mais fortes/O fruto é o espelho da semente
 Faça a sua parte/Traga sua arte pra junto da gente
 Você só precisa/Vestir a camisa e estar consciente
 Que é possível ser igual/Mesmo sendo diferente
 Não queremos ganhar de ninguém/Mas não vamos perder pra gente
 Vem cá, vem cantar com a gente/Somar na linha de frente
 Nós temos água/Purinha brotando na fonte
 E um belo horizonte/ Bem ali na frente*

Quando iniciei a escrita desta dissertação estabeleci como obrigação dedicar um espaço para o que sempre entendi ser o mais autêntico projeto de samba executado na Pedra. Todavia, embora já tivesse se tornado uma espécie de ritual a minha frequência nas rodas das quartas-feiras, não havia eu ainda estruturado um sentido que organizasse as informações que se ofereciam, para transformar aquela vivência em pesquisa. Tudo ficava num plano de hipóteses e possibilidades.

Quando, porém, um golpe desferido pela Secretaria Especial de Ordem Pública (SEOP), da gestão do então Prefeito Eduardo Paes, desterrou o grupo de compositores do seu espaço sagrado, percebi, ali, acentuada a necessidade de narrar e expor a conhecimento, o surgimento e a trajetória do Movimento Samba na Fonte. Embora para uns se tratasse apenas de uma iniciativa comum e irrelevante, como outros que despontam pela cidade, não foi dessa forma que o identifiquei, talvez porque, sem muita explicação, tenha me identificado com ele.

Buscando a origem do projeto, idealizadores e fundadores, esbarrei em obstruções que julguei, talvez levemente, como descaso de alguns membros em não tocar no assunto. Posteriormente, percebi que se tratava mesmo de desinformação, afinal os integrantes nesse período não vinham de muito tempo.

Dos pioneiros do projeto, poucos resistiram às vicissitudes do processo de manutenção, sobretudo nos moldes como o projeto foi conduzido.

A ideia quase amadora de se manter cantando sambas inéditos e autorais, para uns foi utópica demais. Da mesma forma, na outra extremidade da mensagem, não é qualquer público que se agrada dessa modalidade de exibição. Na maioria das vezes busca-se o que já é conhecido. O novo nem sempre é compreendido e a rejeição chega ser algo, para os padrões instaurados, até natural.

Ainda assim, sondando os mais antigos, checando algumas fontes que considerei importantes, obtive respostas para algumas dúvidas. Acredito que refazer o caminho percorrido pelo grupo até este momento proporcionou reflexões imprescindíveis para uma reestruturação. De qualquer modo, ainda que desejando como um fã a restauração daquelas rodas de samba às quartas-feiras na Pedra do Sal, não tenho qualquer pretensão outra que não a da pesquisa. Até porque nem saberia se essas respostas podem de fato indicar um caminho que contribua para alterar o atual estágio em que se encontra o Movimento.

O fato é que quando eu resolvi buscar essas informações o nome mais citado era o de Ferreira. Invariavelmente os comentários dos demais membros apontavam para aquela pessoa que eu não chegara a conhecer, desde a minha primeira visita ao evento. Na verdade ele ainda estava no grupo nesse período, mas como ainda não havia de minha parte um interesse objetivo, ou seja, o meu interesse não ia além da apreciação de um frequentador comum, não o conheci pessoalmente. Mas naquele momento Ferreira era o presidente do grupo e, segundo a afirmação unânime dos indagados, regia com “mão de ferro” a direção do Movimento.

Para muitos dos membros isso constituía um constrangimento, pois parecia se tratar de uma ditadura, onde a palavra dele pesava sobre as demais e não havia muitos meios de isso ser revertido. Autoritário e centralizador, Ferreira divide até hoje opiniões, quando num retrospecto, todos também reconhecem que fora durante a sua gestão que o Samba na Fonte alcançou sua maior evidência.

Diante desse panorama, portanto, eu não poderia agir diferente e a primeira pessoa a quem fui buscar foi exatamente o Ferreira. Com uma dificuldade inicial decorrente da falta de informação sobre seu paradeiro, ou um

contato telefônico que fosse, somente durante uma conversa casual, a partir de um encontro mais ainda casual, com Altair Barbosa, no velho sobrado do Largo da Prainha, foi que deste obtive o número do celular do ex-presidente. No mesmo momento nos falamos e agendamos um encontro, para alguns dias depois, num bar da Lapa.

Ao encontrá-lo àquela noite, no tal bar da Rua do Riachuelo, conheci um Ferreira cuja voz e o olhar realmente expressavam algo de austeridade. Mas durante o diálogo observei nele, sobretudo, uma perspicácia inata e uma visão ágil e prática do que era gerir algo como o Movimento Samba na Fonte. “Tínhamos que ter uma receita, logo tínhamos que produzir meios para isso”. E foi assim que explorando obviamente o principal produto que possuíam, as obras musicais de seus compositores, confeccionou-se o primeiro CD e posteriormente o primeiro DVD, intitulado Bate-Bola I.

Além disso, passaram a ser confeccionadas também camisetas personalizadas com o nome do Movimento e o endereço eletrônico, cujo site oferecia informações, fotos, postagens e comentários a respeito do MSF, além de exibir o perfil de cada compositor, acompanhado pelo samba por ele escolhido para divulgação. Fora montada uma lojinha para exposição e venda dos tais produtos, abarcando, ainda, trabalhos musicais independentes de seus membros, como também livros de poesia e romances escritos pelos mesmos.

É bem verdade que, no que tange à qualidade técnica dos DVDs produzidos pelo grupo, não se pode impor uma crítica muito rigorosa na sua apreciação. A captação do som é direta, sem qualquer mixagem pós-gravação. A filmagem é realizada com equipamento analógico e fica evidente a falta de recursos econômicos para se obter um resultado mais apurado. No entanto, aos olhos que buscam a essência e a originalidade, está ali um resultado primoroso da iniciativa e da ousadia em se produzir, em meio a um momento de tanta inexpressividade artística do gênero, um artigo realmente respeitável. Tanto que era vendido em boa quantidade, com bastante procura pelos frequentadores, durante as exposições das quartas-feiras.

Com firmeza na fala, Ferreira me relatou o princípio de tudo e também o que motivou a sua saída. Ao longo da sua narrativa ficou evidente a construção de

uma parábola, originada a partir do seu entusiasmo inicial, com o sucesso atingido nos primeiros tempos e o declínio que se deflagrou incontestavelmente após a sua saída. Com um misto de espanto e tristeza ouviu de mim algumas informações sobre o momento atual daquele que foi um promissor projeto musical e que em pouco tempo perdeu entre tantas coisas o que ele considera a sua identidade: a sua realização na Pedra do Sal.

A postura de liderança lhe rendeu o título de criador do grupo, mas ele mesmo faz questão de esclarecer que esse mérito não foi dele. “Quem teve a idéia de criar esse espaço foi o Dinho, do Galocantô.” Ferreira conta que foi procurado pelo músico desse grupo, que é um dos mais badalados do atual cenário, sobretudo nas casas de samba do Centro do Rio, quando esse promovia uma roda de samba na quadra da São Clemente, na Cidade Nova.

Dali, estabelecendo contato com outros músicos e compositores, levaram a idéia para o Clube do Sindicato dos Fumageiros, localizado na Rua Hadock Lobo, na Tijuca. Entre os componentes da primeira edição do evento, numa quinta-feira do mês de agosto de 2006 estavam Biro, Dinho, Ferreira, Wagner Nascimento, Wantuir e Paulinho de Brito. Nas seguintes oportunidades, outros foram sendo agregados, como Altair Barbosa e Haroldo César, sendo este último, aquele que se tornaria o sucessor de Ferreira na presidência do MSF.

Segundo Ferreira, a ida do Movimento para a Pedra do Sal surgiu de um entendimento com o proprietário do bar que existia no local, e que por um bom tempo constituiu o amparo e o suporte para a manutenção da roda de samba às quartas-feiras. A oferta de banheiros e os serviços de bebida e comida dispensados ao público ficavam por conta do bar. Os músicos fomentavam o consumo com o samba e o Movimento recebia uma cota por isto. Cota essa que, segundo Ferreira, era revertida em aquisição de materiais necessários ao grupo, ou aplicada juntamente com as outras receitas, em um fundo de reserva que garantiria alguma autonomia, mesmo que temporária, no caso de um eventual revés.

Ferreira revela que ao sair da presidência do MSF, após conturbada reunião, deixou um caixa de valor considerável. Deixou ainda uma boa quantidade de camisas para venda e lamenta que tudo tenha se perdido tão rapidamente, levando o Samba na Fonte a se descaracterizar de tal forma e a tal

ponto, que faz agora suas exibições às terças-feiras, num botequim situado na Rua Gomes Freire, na Lapa.

Indagado se teria o desejo de retornar ao grupo, ele negou, embora admitisse que enquanto esteve à frente do Movimento enxergou concretas possibilidades de se chegar a resultados bastante interessantes. Isso o fascinava, mas a vaidade de alguns membros do grupo foi determinante para a derrocada que se renunciou e que se confirmou posteriormente. Enquanto buscava lembranças mencionou a composição de *Todos nós somos iguais*.

Em 2010, quando passei a prestar atenção de forma mais criteriosa ao MSF, o presidente já era Haroldo César. Àquela época, esboçando os primeiros movimentos desta pesquisa, acompanhei a trajetória conturbada e sempre contestada por alguns, da gestão do MSF por Haroldo. Alheio a estas questões administrativas, muito mais me interessava as composições e a história de vida dele e de outros componentes. Foi por esse viés que cresceu o meu encanto por aquele grupo de compositores.

Ao se estabelecer um perfil dos compositores do Samba na Fonte vale ressaltar a heterogeneidade de suas vidas profissionais: militares, professores, empresários, informais e outros, além de músicos, obviamente. O próprio Haroldo César é um bom exemplo da diversidade característica do Samba na Fonte. Funcionário da Comlurb, empresa pública responsável pela limpeza da cidade, negro, escolaridade média, é autor de dois romances, sendo um já publicado sob o título *Garimpando composições*, no qual o protagonista é um gari que transfere para os sambas que compõe as suas relações cotidianas, do trabalho e da vida pessoal. O resultado desta obra, muito mais do que uma leitura leve e ingenuamente interessante, representa a transposição de mais uma barreira, por um homem simples e negro, que confirma na sua escrita e na sua arte, o seu valor, a sua história, sua importância e seu espaço, na vida e na história brasileira.

Policia reformado, Paulinho de Brito é daquele tipo que dificilmente nos levaria a associá-lo a função que exerceu por mais de vinte anos. A fala mansa, denotando uma sutil malandragem, e o rosto de aspecto fragilizado por uma fina armação dos óculos lhe conferem um ar filosófico, que se acentua quando interpreta seus sambas. Meticuloso com as palavras confessa-se ‘chato’ na busca

pela melhor maneira de transmitir suas ideias. O resultado invariavelmente é de bom gosto, como a obra *Nada de mais*, um samba de gafieira que parece ser um estilo preferido, em que ele fala dos anseios de um homem simples do subúrbio, com habilidade e muito ritmo.

*Não peço nada de mais
 Afinal não tenho o olho tão grande assim
 Só quero uma caxanga de dois quartos
 Na Boca do Mato, foi lá que eu nasci
 Uma preta maneira, fiel companheira
 Que me dê dois filhos, de preferência um casal
 Um viralatas esperto latindo, tomando conta do quintal...*

Num outro estilo, em um de seus sambas mais conhecidos e mais bonitos, ele deixa no ar um questionamento, quando expõe sua vida numa dialogia com a análise que faz do passado e do presente. Em *Tá pensando o quê*, ele escreve:

*Sou negro manhoso criado no morro
 O samba é a fonte a quem peço socorro
 Lá no Preto Forro aprendi a fazer (...)
 Tá pensando o quê?
 Sou neto de um preto valente alforriado
 Que deu duro na estiva, pegando o pesado
 Para dar a seus filhos o que comerem
 Tá pensando o quê?
 Sou do tempo que a cana era realmente dura
 Vagabundo e polícia não tinha mistura
 Havia o respeito para não se morderem...*

Diferentemente do estilo elegante de Paulinho de Brito, irrompe a cada apresentação o veio satírico de Luiz Fernando. Irrepreensível cronista, marcou com seus sambas, ao longo de sua história dentro do MSF, acontecimentos relevantes ou não, cuja divulgação nos meios de comunicação de massa repercutiram de alguma forma, causando comoção popular. Numa de suas últimas pérolas versava sobre a “passagem” da cantora britânica Amy Winehouse. Essas fontes são o fio da meada que ele não costuma perder para tecer letras engraçadas, facilmente apreensíveis pelo público que se diverte, atestando assim o êxito esperado pelo autor.

Certa vez, uma amiga argentina que fazia intercâmbio cultural aqui no Rio, ao me ver comentando sobre a Pedra do Sal, me interrompeu para dizer que já

havia ido ao samba de lá e que ouvira uma música que falava sobre o vento a levantar as vestes de uma bela morena. Na mesma hora ficou claro para mim que ela havia ouvido o Luiz Fernando e o seu *Deixa o vento* trabalhar, em parceria com Wantuir e Hudson Costa, cujo primeiro refrão diz:

*Obrigado natureza ai, ai, ai
De rendinha que beleza*

Enquanto que em outro implora à morena:

*Deixa o vento trabalhar
Deixa o vento trabalhar, oi menina
Não seja assim tão malvada
Solte a barra da saia rodada
O que há de bonito
Tem que se mostrar
Ô laiá, ô laiá...”*

Em conversa com ele, numa tarde de quinta-feira, no centro do Rio, esse advogado de ofício me revelou que das serestas promovidas pelo seu pai, quando criança, no Lins de Vasconcelos, ficou o prazer pela percussão. Atravessado pelo rock dos anos oitenta acabou optando pelo samba, como o fez pela bateria, quando teve de optar entre o instrumento e o Fiat 147, do qual se desfez para ficar com a primeira opção. A conquista de um samba para o Bloco das Carmelitas deflagrou decisivamente sua imersão nesse universo. No Império Serrano é compositor concorrente de todos os anos, com a mesma fidelidade dedicada até hoje ao Samba na Fonte.

A mesa do Samba na Fonte na maioria das vezes contava com Juninho no violão sete cordas, Wagner Nascimento e Pakato do Cavaco nos cavaquinhos, Peterson no surdo, Altair Barbosa no pandeiro e no tantã havia alternância entre músicos e os próprios compositores. Constante também era a presença de chocalho, tamborim, apito, afoxé, formando a “cozinha”, nas mãos dos reservados Seu Brasil, Alcides e Jorge. Da comunhão desses senhores e seus instrumentos, poucas não foram as vezes que presenciei o samba fluindo da Pedra, que imantada por essa energia, atraía passantes e os detinha em sua louvação.

Das notas do cavaco de Wagner Nascimento confesso que ouvi surgir os sambas mais bonitos que pude presenciar naquelas rodas de samba. Além de

Cavaleiro Maior, exaltação a São Jorge que, sem dúvida, sempre constituiu um dos ápices daquelas exhibições, muitas outras obras extremamente criativas e bem elaboradas foram despejadas na Pedra com plena aceitação. Para acentuar mais ainda a beleza das composições, Wagner transpirava suas obras, o que tornava cada interpretação sua simplesmente espetacular. Era assim que ele, tão logo iniciava um samba, era seguido pela maioria das vozes que compunham não só o grupo de compositores em torno da mesa, mas também o público que o admirava e no qual eu me via inserido.

*A formiga tomou conta da terra
Venceu a guerra contra o tamanduá (2 vezes)*

*Quem espera não alcança
Nessa dança quem não dança vai dançar... (2 vezes)*

Já Pakato do Cavaco recebera este apelido por conta de seu temperamento terno e generoso, na verdade numa alusão ao desenho animado He-Man. Seus sambas sempre muito alegres e também repletos de religiosidade mais traduzem a outra face do mesmo personagem, após a transformação. Com parcerias diversas tem com os parceiros mais constantes Gegê de Itaboraá e Orlando Professor uma das minhas favoritas. Este último, aliás, professor de História, é detentor de letras consistentes e curiosas, geralmente musicadas pelo próprio Pakato. É o caso da seguinte obra, em que é contada a história de dois negros africanos chegando ao Brasil.

Riquezas de um Povo

*Cadê Taió, Cadê Caindê
Foi Naquela travessia BIS
Onde foram se perder*

*A bordo de um tumbeiro
Balançando pra lá e pra cá
No movimento das ondas
Das águas salgadas do mar
Me trouxe a um mundo novo
Onde eu vou cultivar
As tradições do meu povo
Riquezas que vou espalhar
Na lida da cana
Dentro dos engenhos*

*Na casa grande, em todo lugar
 Vou bater tambor
 Falar em iorubá
 Mostrar o valor
 Daquela terra de lá*

Empunhando o pandeiro de forma branda, com a mesma simplicidade que lhe recobre os traços e as atitudes, o mineirinho Altair Barbosa parece escondido em algum recanto do ambiente onde acontece o evento. O som do pandeiro, no entanto, denuncia com qualidade a sua presença. Sutileza seja talvez sua marca, sobretudo quando esta é endossada pelas melodias e letras românticas do seu repertório. Apesar do aspecto frágil, não há quem fique impassível mediante a sua altivez na interpretação de seus sambas insinuantes e singulares. Como nas duas estrofes a seguir, dos dois sambas mais esperados pelos seus admiradores durante os eventos.

*Nem pensar em olhar para trás
 Nada disso vai valer
 E nem chorar, lamentar os seus ais
 Para não se arrepender...³⁴*

*Como se não tivesse mais amor
 E do chão não brotasse a flor
 Como se não houvesse a dor
 E o velho sentimento...³⁵*

Além dos compositores citados, outros de alto poder criativo e qualidade poderiam ter aqui mencionadas suas obras. O simpático Baez, Beto Machado, também chamado pelos companheiros de Pavarote, devido a sua bela voz. O atual presidente Ismael Veiga, o poeta Rodolfo Caruso, Mário Júnior e tantos outros, que independentemente de terem sido ou não aqui relacionados, contam com a minha admiração de igual forma.

Estes compositores exercem sua arte conscientes do que produzem. E pode ser detectado em cada uma de suas obras o respeito à criação, sem vínculo com modismos midiáticos, nem tampouco com purismos radicalizados. Versam em

³⁴ *As coisas simples da paixão*. Altair Barbosa e Carlão do Cavaco.

³⁵ *Velho sentimento*. Altair Barbosa e Ricardo Barrão

todas as correntes com linguagens diversas, sobre temas absolutamente variados. Estariam mais próximos, no entanto, de produzirem um tipo de samba que pesquisadores do assunto qualificariam como “samba do Estácio”. Como neste comentário de João Máximo (2002), comparando o samba do Estácio e o da Cidade Nova:

(...) os que se dedicavam ao chamado “samba de morro”, ou samba do Estácio, mas que já podemos denominar de samba carioca – construíram suas melodias no máximo sobre a harmonia de tímidas violas e o ritmo de modestas percussões. Assim enquanto os músicos da Cidade Nova podiam tocar de tudo, inclusive o choro, que sempre exigiu habilidade ou mesmo virtuosismo de seus instrumentistas, os outros criavam intuitivamente seus sambas, mais limitados de ponto de vista técnico, porém mais ricos em inventiva melódica e expressão poética.³⁶

O que trazem na sua bagagem cultural e de vida passa pela própria formação do povo humilde dos subúrbios. Povo que transita pelos trens, que labora em atividades simples, como o peixeiro Monarco, que só depois de tanto tempo pôde ter um samba gravado por Martinho da Vila e, finalmente, algum retorno financeiro. Como tantos outros operários, estivadores, vendedores ambulantes, pregoeiros, que do seu ofício enxergaram pontes para a sua arte. Esta última categoria, aliás, é visto por Tinhorão como uma atividade precursora do *jingle*.

(...) o pregoão revela uma tendência inapelável para transformar-se em música, uma vez que o apregoador, ao ir descobrindo aos poucos as amplas possibilidades da modulação da sua voz, acaba invariavelmente cantando em bom sentido os nomes dos artigos que tem para vender ou que deseja comprar.³⁷

O Movimento de Compositores Samba na Fonte, no entanto, atualmente promove sua roda semanal às terças-feiras num bar da Lapa, enquanto acalenta o desejo de retornar ao local com o qual realmente criou identificação. Esse desejo se mantém vivo, não só em seus músicos e compositores, mas também numa extensa lista de cultores da ideia e dos sambas, os quais, com alguma desenvoltura e já por algum tempo, percorriam as bocas destes, entre goles de cerveja e filosóficos bate-papos informais.

³⁶ MÁXIMO, 2002, p.17.

³⁷ TINHORÃO, 2005, p.59.

4.3. As rodas

Atualmente, dois dias da semana constituem-se como as grandes atrações de samba na Pedra do Sal. Nas segundas, com a Roda de Samba da Pedra do Sal e nas sextas com Thiago Torres e o Samba de Lei. Há algum tempo afastada, mas se articulando para um possível retorno, a roda de compositores do Samba na Fonte deixou uma lacuna irreparável, sobretudo no aspecto da originalidade e da criação. De qualquer forma, é com qualidade e respeito à memória que se fomenta a prática do samba no local, pelo empenho dos músicos das respectivas rodas e de sua crença incondicional no que fazem.

Segunda-feira, dia popularmente denominado como “o dia da preguiça”, por ser a retomada da semana de trabalho para grande parte da população. Um lugar e um grupo de pessoas tornam este dia diferenciado. Diferenciado não só pelo que se faz nesse encontro, ou pelo dia, tido por alguns como inadequado, mas, principalmente, por como esse algo é feito.

Final de expediente, o movimento no trânsito se intensifica. É a chamada hora do rush. A Praça Mauá apresenta longas filas de passageiros nos terminais de ônibus enquanto que uma grande massa se desloca para a Central do Brasil, onde além dos trens há também um terminal rodoviário. Na contramão da maioria que se dirige para casa, eles vão chegando com seus instrumentos, vindo pela Rua Camerino, tomando à direita a Sacadura Cabral, ou, da Praça Mauá, pela mesma Sacadura Cabral, passando pelo Largo de São Francisco da Prainha, até se encontrarem na base do Morro da Conceição, no enigmático lugar chamado Pedra do Sal.

No ano de 2004, um grupo de samba batizado “Batuque na cozinha”, cujo padrinho é ninguém menos do que Martinho da Vila, iniciava os primeiros movimentos para um evento que a cada dia agrega novos cultores. E, sem o menor receio, pode-se afirmar que o que aqueles rapazes iniciaram anos atrás é hoje a roda de samba mais democrática do roteiro cultural carioca: a Roda de Samba da Pedra do Sal. Assim, o que se faz a partir de dezoito horas de segunda-feira, na Pedra do Sal é samba. Porém, “ah, porém!” é um caso diferente o modo como o samba é tratado por lá. Diferente do que as gerações mais recentes (cuja

frequência é curiosamente predominante no espaço) se habituaram a ver e conhecer, através da mídia, como samba.

Adquirindo respeito e reconhecimento, tanto a roda de samba quanto o grupo evoluíram e inevitavelmente passaram por mudanças. O Batuque, diante da crescente demanda de convites para shows deixou de se apresentar de forma integral na Pedra, priorizando a carreira profissional. Credenciado pela reputação de praticar um samba “de raiz”, o Batuque na Cozinha se tornou bastante conhecido nos pontos da cidade onde se faz samba, sobretudo no centro. Fazer samba “de raiz”, aliás, é imprescindível para os ideais do grupo e para a legião de admiradores que o acompanha em grande número, nos dias e endereços em que se apresenta.

Por sua vez, André Corrêa, um dos pioneiros do grupo, permaneceu à frente do evento na Pedra, com uma formação que alterna integrantes, porém que não perde a qualidade. Consolidada, atualmente a Roda de Samba da Pedra do Sal tem como formação mais constante, Juninho Travassos (cavaquinho), Walmir (cuíca), PC (tantã), Wando (surdo), Rogerinho (cavaquinho), Juninho (violão), Pet (pandeiro) e o próprio André Corrêa.

Às sextas-feiras, no Rio de Janeiro como em qualquer lugar do mundo, um grande quantitativo da massa trabalhadora, em vez de retornar imediatamente ao lar, reserva o fim do dia para relaxar, como melhor lhe convém. Espalham-se por todos os cantos da cidade um sem-fim de rodas de samba, desde rodas privilegiadas pela presença de artistas renomados, às rodas improvisadas em portas de bares. Basta haver um tantã e logo tudo se ajeita. Não demora e vão aparecendo outras "peças", um pandeiro, um cavaquinho, e muita "palma da mão".

Roberto Moura, inclusive, sustenta que "A roda de samba é anterior ao samba porque é a ambiência que favorece e proporciona seu aparecimento" (MOURA, 2004, p.36). Cella uma reunião onde determinado grupo social divide experiências e conhecimentos, sob um modelo muito próprio de linguagem, em que cada um dos presentes reconhece seu lugar e sua função nesse ambiente.

Quem tenta se aproximar da Pedra do Sal, em dias de sexta-feira, encontra dificuldades. Há algum tempo (não muito) uma roda de samba passou a acontecer por lá. A frequência é simplesmente assustadora. A aglomeração se assemelha a

um foco de formigas em torno e em cima da Pedra, regando com muita cerveja sambas de estilos diversos, novos e antigos, predominando, no entanto, os mais tradicionais.

O público, assim como o de segunda-feira é, em sua maioria, composto por moças e rapazes com média de vinte anos, que chegaram ao local, movidos pela curiosidade, por meio de uma divulgação informal, fruto de comentários de quem já conhecia ou ouviu falar. Pessoas que, descobrindo esse ponto marginal em pleno centro do Rio, acabaram (como acontece a todos) se contaminando na irradiação proveniente da Pedra e se tornando assíduos frequentadores.

Diferentemente das segundas-feiras, a roda de sexta conta com som amplificado e já é referência no circuito de samba para quem transita no centro do Rio em busca dessa opção. A escolha da sexta-feira já torna propícia a tomada de rumo, daqueles que deixam o trabalho ou as universidades, em direção àquele refúgio natural, onde o samba é matéria prima.

Quando se chega ao Largo João da Bahiana num princípio de noite de segunda-feira, depara-se com um grande palco que só se faz coberto, por uma grande lona em dias propensos a chuva. A Roda de Samba da Pedra do Sal caracterizou-se ao longo de quase dez anos de atividade por promover o resgate de sambas e compositores do passado e fazendo deste quase compromisso o ponto alto dessas exposições. André Corrêa afirma que o intuito sempre foi exatamente este: preservar a memória de grandes mestres do passado através da execução de suas obras, muitas das quais, esquecidas ou sequer conhecidas por boa parte do público.

Uma semelhança entre as rodas em evidência atualmente na Pedra do Sal, que também caracterizava o Movimento Samba na Fonte está no fato de se atribuir ao samba ali praticado, o adjunto que o qualifica, de raiz. Samba de raiz é uma denominação geralmente utilizada para designar um samba tradicional.

O samba de raiz não é propriamente um gênero musical; esta expressão é utilizada para criar uma espécie de rótulo que identifique o samba apresentado como “verdadeiro”, mais próximo das origens e estruturas tradicionais. Designa principalmente uma diferenciação em relação ao “pagode”, inventado pela indústria cultural numa tentativa de distanciar o gênero samba como um todo do estilo que se apresenta na mídia.³⁸

³⁸ ELIAS, 2005, P.155-56.

Sobre o mesmo tema Nei Lopes, diante de uma indagação minha, respondeu da seguinte forma:

O “samba de raiz” de hoje é mais ou menos o que até a década de 60 se mencionava como “samba de morro”. Mas João Gilberto gravou muito “samba de morro”, de compositores como Zé da Zilda, Jaime Silva, etc. O “samba de raiz” é apenas mais um rótulo mercadológico. Mas tem otário que pensa que é um estilo, e até um gênero.³⁹

Entretanto, é muito comum essa qualificação denotar discriminação a outros formatos de samba, sobretudo aos que são sucesso na mídia, com grupos de jovens visualmente produzidos e de coreografias ensaiadas.

O curioso nesta distinção é que parece ser esquecido que o samba durante muito tempo foi discriminado por ser popular. Talvez, a distinção seja entre o popular e o popularesco (DINIZ, 2002, p.180). No entanto, se o preconceito se constitui de fato, possa ele estar, ainda que despercebido, sob o prisma de Mário de Andrade quando este diz:

Pois é com a observação inteligente do populário e aproveitamento dele que a música artística se desenvolverá. Mas o artista que se mete num trabalho desses carece alargar as idéias estéticas, senão a obra dele será ineficaz ou até prejudicial. Nada pior que um preconceito. Nada melhor que um preconceito. Tudo depende da eficácia do preconceito.⁴⁰

Para André Corrêa é só uma questão de qualidade. ”Samba pra mim tem de ser bom e isso eu encontro nos grandes compositores”. Por ter tido uma criação em que o pai era músico, ter convivido com muitos sambistas, como Manacéia, Martinho da Vila, e até mesmo por morar em Vila Isabel, André vê como samba de raiz o samba de boa letra e boa melodia, com arranjo e execução no formato cavaquinho, flauta, violão e percussão, sem aparato eletrônico. Entretanto, não discrimina o modelo produzido pelos atuais grupos “de pagode”, cujo destaque na mídia, segundo ele, acaba indiretamente, abrindo espaço para artistas que estavam fora de evidência há algum tempo e que passam a ser lembrados e solicitados para shows. “Eu conheço muita gente boa que estava sumida, fora da mídia, mas que

³⁹ Entrevista concedida por e-mail em 26/12/11.

⁴⁰ ANDRADE, 1972, P.24-25.

de repente é gravada por um desses grupos e acaba sendo lembrada, além de ganhar algum dinheiro.”

Para o compositor Gustavo SB, do Samba na Fonte, que tem toda sua história de vida ligada ao morro do São Carlos, no Estácio, samba de raiz é tudo que lembra a história do samba, é o seu vínculo com a história do negro, a cultura do tambor, do ritmo e a poesia que posteriormente a isto tudo veio se somar, por mestres como Noel Rosa, Cartola e outros. “É difícil falar, soa como preconceito, mas esses ‘pagodinhos’ estão mais pra música brega. Pra mim não dá, não.”

Às segundas-feiras o público começa a chegar por volta de dezenove horas e não tem hora pra sair. O espaço se transforma num autêntico terreiro, com todos de pé, tentando chegar o mais próximo possível da mesa onde ficam os músicos e cantam marcando o compasso na palma da mão. O som não é amplificado, portanto, o que se ouve soa como ancestralidade, cantos, palmas e danças de um período remoto da história daquele lugar.

Os sambas são iniciados pelos músicos da mesa e um grande coro de centenas de vozes se forma, percutido pela batida das mãos. Na mesa, cavacos violões, surdo, cuíca e outros instrumentos de percussão. Nos intervalos, enquanto os músicos descansam, o espaço é preenchido por uma atividade alternativa, como exposições de documentários e recitais de poesias.

O público é basicamente composto por jovens com ampla maioria para o sexo feminino. Em geral são estudantes universitários, professores, pessoas ligadas a movimentos voltados para a cultura negra, músicos e outras categorias que apreciam o samba “de raiz”. Um exemplo do perfil desse público é o interessante fato relatado por André. Segundo ele, havia uma menina que todas as segundas pedia para ele cantar o samba *Sem compromisso*⁴¹, “do Chico Buarque”, ao que prontamente ele atendia. Até que um dia ele resolveu dizer a ela que aquele samba não era do Chico e sim de um compositor chamado Geraldo Pereira. Ela, talvez um pouco desconsertada, confessou nunca ter ouvido falar nesse nome.

Tempos depois, no entanto, procurou-o para mostrar o que havia feito: realizou uma pesquisa, escreveu uma dissertação de mestrado e acabou se tornando uma profunda conhecedora da vida e da obra do artista, obtendo acesso, inclusive, aos familiares dele. Para André, este é um dos resultados que ele

⁴¹ Samba de Geraldo Pereira e Nelson Trigueiro. In: 1943: Victor Almeida.

entende como recompensa maior pelo trabalho, cujo retorno financeiro, na realidade, segundo ele é quase inexistente.

A manutenção do evento não é financiada por ninguém, não há cachê. O que há como receita é a venda de bebidas pelo próprio grupo e um sistema de permuta que funciona da seguinte maneira: a roda de samba se exhibe em tal lugar, levando o nome que lhe confere boa reputação, em troca de algo útil ou necessário, como materiais, equipamentos, instrumentos ou, quando possível, remuneração em dinheiro. Na verdade, o que fomenta o espetáculo semanal é o próprio samba, que tem raízes fincadas naquela região desde as umbigadas (CASCUDO, 2002, p.130), passando pela formação dos primeiros ranchos, além, é claro, da energia intraduzível que emana da Pedra.

No que tange a representatividade da Pedra para uma realização do samba naquele espaço, todos são unânimes em afirmar a força mística que ela exerce. André Corrêa, por exemplo, embora afirme não ter um conhecimento religioso muito aprofundado, não esconde sua crença em haver algo de místico na Pedra. “Fazemos as rodas na segunda-feira, dia dedicado às almas, só cantamos sambas de compositores em sua maioria falecidos e ainda tem a história de sofrimento e morte de muitos escravos neste lugar. Com certeza uma energia muito forte rola aqui.”

Liderado pelo jovem músico Thiago Torres, o Grupo Samba de Lei movimenta as sextas-feiras com um repertório recheado de clássicos, esbanjando competência e qualidade. Num samba de sua autoria, Thiago, como um defensor da tradição, argumenta: “muito mais que boemia, samba é opinião”. E é opinando com autoridade que sambistas, como ele e os demais que lá se apresentam, vão escrevendo a própria história, a partir das inscrições, em forma de samba, que deixam na Pedra.

É o samba sendo feito e fazendo história, sendo questionado e questionando, em cada corpo, em cada instrumento, em cada uma destas rodas citadas, assim como em tantas outras, desde os ecos da senzala até os refinados estúdios de gravação. O culto ao samba e ao local por esses músicos escolhido passa pelo que Tinhorão (2008) irá atribuir ao que ocorrera a partir do século XVIII, quando “os batuques da área urbana ou da periferia (...) puderam ganhar, afinal, o caráter oficialmente reconhecido de local de diversão.” O canto e a dança

dos pioneiros da Pedra do Sal são hoje reinventados por jovens letrados, intelectuais e fundamentalmente pessoas contextualizadas com a história que cerca, tanto o samba, quanto o lugar.